

Dossiê

Os mineiros e o trabalho em
mineração

Mineração de carvão, migração e etnicidade: uma história global*

Ad Knotter**

13

Resumo: Em todo o mundo, empresas de mineração defrontaram-se com a escassez de mão de obra e tiveram de encontrar maneiras de recrutar um número suficiente de trabalhadores para as suas minas. As soluções adotadas variaram desde o envolvimento de camponeses em tempo parcial, cooptação de trabalhadores mediada por empreiteiros de mão de obra, sistemas de trabalho forçado, e até migração nacional e internacional sob regulação estatal. A importância desses tipos de “intervenção institucional” na mobilização de mão de obra para as minas de carvão é ilustrada com exemplos de diferentes partes do mundo. Os esforços para encontrar novos trabalhadores para as minas muitas vezes resultaram no recrutamento de grupos étnicos considerados de *status* social inferior, não só porque de origem rural e não qualificados, mas também porque vistos como inferiores do ponto de vista cultural ou étnico. Nesse aspecto, houve uma enorme diferença com relação à imigração e à fixação de mineiros qualificados, como os da Grã-Bretanha e de outros países. Diferenças étnicas eram associadas frequentemente à diversidade de *status* e de conhecimento técnico do ofício. Embora existam muitos exemplos de solidariedade e de cooperação interétnica, dependendo do período e das circunstâncias, as diferenças podem ter um efeito profundo sobre as relações sociais em comunidades mineiras.

Palavras-chaves: mineiros de carvão; etnicidade; migração.

Abstract: All over the world, mining companies have struggled with labour shortages and had to find ways to recruit sufficient numbers of workers for their mines. The solutions adopted ranged from the involvement of part-time peasant miners, organized mediation by labour contractors, and systems of forced labour, to state regulation of national and international migration. The importance of these kinds of “intervening institution” in mobilizing labour for the coalmines is illustrated by examples from different parts of the world. Efforts to find new workers for the mines often resulted in the recruitment of ethnic groups of a lower social status, not only because they were rural and unskilled, but also because

* Versão reduzida e modificada do artigo “Migration and Ethnicity in Coalfield History: Global Perspectives”, publicado na *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, de dezembro de 2015, pp.13-39. Tradução: Clarice Gontarski Speranza.

** Diretor do Centro de História Social voor Limburg(SHCL), Universidade de Maastricht (Holanda). E-mail: a.knotter@maastrichtuniversity.nl

they were considered inferior from a cultural or ethnic viewpoint. In this respect there was a huge difference with the migration and settlement of skilled miners, like those from Britain, but also from other countries. Ethnic differences were often closely related to differences in skill and social status. Although there are many instances of interethnic solidarity and cooperation, depending on the time frame and circumstances, these differences could have a profound effect on social relations in the mining communities.

Keywords: coalminers; ethnicity; migration.

De Spitsbergen (Svalbard, Noruega), no extremo norte, à Ilha Sul (Nova Zelândia), no extremo sul; da Ilha de Vancouver (Canadá), no extremo oeste, até Hokaido (Japão), na extremidade leste – a mineração de carvão foi (de fato ainda é) uma verdadeira indústria global.¹ Desde o século XIX, o desenvolvimento de tecnologias industriais e de transporte tornou necessário o suprimento de energia proveniente do carvão em toda parte do mundo, e para provê-la, a mineração se expandiu globalmente.

A globalização dos séculos XIX e início do XX, e incluso nela o colonialismo, baseou-se em grande parte no desenvolvimento industrial e dos transportes, fundada no carvão como fonte de energia. Instrumento e símbolo do colonialismo, o Canal de Suez, por exemplo, dificilmente seria possível sem embarcações a vapor, e estas não existiriam sem carvão, é evidente. O mesmo vale para as estradas de ferro em todo o mundo, as quais formaram, com os barcos a vapor, a infraestrutura do colonialismo. A exploração do carvão se disseminou com a crescente demanda de energia nos transportes e na indústria. Em qualquer lugar do globo onde havia minério, mesmo nas mais desoladas e remotas áreas, emergiram minas, e seus administradores precisaram encontrar, mobilizar e transportar trabalhadores a fim de tornar possível a extração.

Encontrado em disposição geológica aleatória, frequentemente em pontos isolados, e sempre necessitando de trabalho intensivo para sua extração, o carvão foi dependente do trabalho migrante em quase todos os pontos. No início, mineiros experientes eram recrutados de outras áreas de mineração. Diásporas étnicas de trabalhadores qualificados, resultado de trajetórias de migração, migração de retorno ou circular, podem ser rastreadas em minas de diferentes lugares. Mineiros e engenheiros britânicos foram a mão de obra especializada da revolução energética baseada no carvão durante o século XIX, e foram eles que transferiram conhecimento necessário para a constituição de indústrias carboníferas pelo Império Britânico nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.

1 HARTNELL, Cameron C. “Arctic Network Builders: The Arctic Coal Company’s Operations on Spitsbergen and Its Relationship with the Environment”. (Tese de doutorado, Michigan Technological University, 2009). Disponível em <http://digitalcommons.mtu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1288&context=etds>, acessado em 6 de agosto de 2015; HACQUEBORD, Louwrens (org.). *Lashipa: History of Large Scale Resource Exploration in Polar Areas*. Gronigen: Gronigen University Press, 2012; RICHARDSON, Len. *Coal, class and community: the United Mineworkers of New Zealand, 1880-1960*. Auckland: Auckland University Press, 1995; BELSHAW, John Douglas. *Colonization and community: The Vancouver Island coalfield and the making of the British Columbian working class*. Montreal: McGill-Queens University Press, 2002; CULTER, Suzanne. *Managing Decline: Japan’s Coal Industry Restructuring and Community Response*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1999; IRISH, Ann B. *Hokkaido: A History of Ethnic Transition and Development on Japan’s Northern Island*. North Carolina: McFarland, 2009. Para uma visão geral sobre a exploração de carvão atualmente no mundo, ver STOTTROP, Ulrike (org.). *Kohle Global. Eine Reise in die Reviere der Anderen. Katalog zur Ausstellung im Ruhr Museum vom 15. April bis 24. November 2013*. Essen: Klartext-Verlagsges, 2013.

A migração inicial de grupos de trabalhadores especializados foi suplementada por ondas de migrantes inexperientes de áreas rurais próximas, e em seguida, de locais mais distantes, regiões e países. Era preciso encontrar trabalhadores que pudessem ser motivados ou coagidos a se transferir a centenas de quilômetros de onde haviam nascido, não apenas trocando de endereço, mas também modificando toda sua maneira de viver. A mão de obra migrante cruzou fronteiras e conectou minas de carvão, regiões e países, mobilizando novos grupos de trabalhadores de variadas ascendências nacionais e étnicas. Portanto, a história do trabalho nas minas de carvão não é apenas global, mas frequentemente também transnacional.

Essas características marcantes da mineração já motivaram muitas pesquisas, em especial no campo da história do trabalho. Nestes estudos, o adágio “todo mundo era negro lá embaixo”² aparece cada vez mais acompanhado por um ponto de interrogação.³ Questões referentes à etnia e à cultura se transformaram em grandes temas da história das comunidades de mineração de carvão e do trabalho mineiro.⁴ Embora muito tenha sido produzido a partir de abordagens focadas em questões como classe (solidariedade), raça (discriminação) e etnicidade (identidade étnica) em relação às comunidades carboníferas em todo planeta, o leque de tópicos relacionados à migração e à etnicidade na história da mineração de carvão está longe de ser esgotado. Migração e mobilização étnica de trabalhadores para a indústria de mineração estiveram frequentemente relacionadas à transição da agricultura para a indústria, à criação de um mercado de trabalho assalariado, e à formação de um proletariado mineiro etnicamente estratificado. Estes processos não foram fáceis ou simples. Em áreas com um mercado de trabalho subdesenvolvido, o labor mineiro era muitas vezes combinado com a agricultura de subsistência, e só podia ser empregado sazonalmente. Formas específicas de recrutamento, como subcontratação, foram utilizadas para superar a lacuna entre agricultura e indústria. Em alguns casos a força era utilizada para coagir grupos étnicos considerados de status inferior. A história da mineração de carvão testemunhou toda uma gama de artifícios para impelir os trabalhadores para dentro das minas. Em muitos casos, isso era feito por uma combinação de coerção física e econômica, através de contratos, dívidas e outros vínculos. Trabalho forçado e discriminação étnica ou racial estiveram quase sempre intimamente relacionados e mesmo quando os mineiros trabalhavam por salários, o mercado de trabalho nas minas foi estruturado e institucionalizado sistematicamente com base em diferenças salariais e estratificação étnica.

Neste artigo, apresento uma visão geral das questões mais relevantes na história da migração e da etnicidade em minas de carvão a partir de uma perspectiva global. O texto está dividido em quatro partes. A primeira parte trata do recrutamento de migrantes e minorias étnicas nas primeiras minas de carvão

2 No original: “everybody was black down there” (nota da tradutora).

3 WOODRUM, Robert H. *Everybody Was Black Down There: Race and Industrial Change in the Alabama Coalfields*. Athens Georgia: University of Georgia Press, 2007; BEYERS, Leen. *Iedereen zwart: het samenleven van nieuwkomers en gevestigden in de mijnbouw Zwartberg, 1930-1990*. Amsterdam: Aksant, 2010. Ver também: BEYERS, Leen. “Everyone black? Ethnic, class and gender identities at street level in a Belgian mining town, 1930-50”. In: BERGER, Stefan, CROLL, Andy e LAPORTE, Norman (orgs.). *Towards a comparative history of coalfield societies*. Aldershot: Ashgate, 2005, p. 146-163; DEPRESZ, Marcel et al. “*Siamo tutti neri!*”: *des hommes contre du charbon: études et témoignages sur l’immigration italienne en Wallonie*. Seraing: Institut d’histoire ouvrière, économique et sociale, 1998; CEGARRA, M. et al. *Tous gueules noires. Histoire de l’immigration dans le bassin minier du Nord-Pas-de-Calais*. Lewarde: Centre historique minier du Nord-Pas-de-Calais, 2004.

4 PHIMISTER, Ian. “Global Labour History in the Twenty-First Century: Coal Mining and Its Recent Past”. In: LUCASSEN, Jan (org.). *Global Labour History. A State of the Art*. Bern: Switzerland/New York: Peter Lang, 2006, p. 573-589. Ver também BERGER et al. *Towards a comparative history of coalfield societies*.

durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, em áreas onde os mercados de trabalho ainda não eram totalmente regidos por padrões salariais. Nesses casos, as companhias mineradoras precisaram empregar migrantes temporários, camponeses da região, em sistemas de recrutamento especiais, principalmente subcontratação ou sistemas de coerção, como trabalho de apenados, contratos provisórios, força bruta e violência.

A segunda parte do artigo aborda as diásporas de grupos específicos, como trabalhadores especializados da Grã-Bretanha que migraram para todo o mundo introduzindo conhecimentos técnicos acerca da exploração do carvão e que frequentemente assumiram uma posição privilegiada frente aos operários não qualificados de outros grupos étnicos. Migrantes britânicos foram particularmente importantes nas minas dos assentamentos de colonos brancos da África do Sul, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, e também na emergente indústria do carvão dos Estados Unidos. Outro grupo de grande mobilidade foram os mineiros poloneses, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

O terceiro segmento do artigo examina a migração regulada pelo Estado para as minas de carvão da Europa Ocidental (com exceção da Grã-Bretanha), que se iniciou depois da I Guerra Mundial e se desenvolveu totalmente após a II Guerra Mundial. Era o chamado sistema de trabalhador convidado,⁵ que trouxe migrantes inicialmente da Europa do Leste e mais tarde de países do Mediterrâneo para a Alemanha, França, Bélgica e Holanda. Dediquei especial atenção aos imigrantes turcos na Alemanha, italianos na França e Bélgica, e marroquinos na França, Bélgica e Holanda.

A quarta parte do artigo enfoca a relação entre os imigrantes e os trabalhadores já estabelecidos nas comunidades mineiras. De que forma diferentes grupos étnicos conviviam juntos? Como lidavam com a discriminação racial e a segregação étnica? Até que ponto novos grupos de trabalhadores e suas famílias podiam se integrar às comunidades mineiras?

Mineiros camponeses e migração temporária

Boa parte da força de trabalho nas primeiras minas de carvão era recrutada sazonalmente entre camponeses das proximidades. Desta forma, o suprimento de mão de obra e as estações agrárias eram conectadas e a extração de carvão preenchia o intervalo do cultivo e da colheita. Mineiros camponeses sazonais eram arregimentados localmente, mas também como migrantes temporários. Um exemplo marcante do recrutamento local de camponeses mineiros é o sistema de trabalho na mina de Zonguldak, na Turquia, onde um sistema de rotação complexo foi adotado no século XIX (desde 1860), forçando agricultores das vilas da região a trabalhar no subterrâneo durante várias semanas do ano.⁶ Ainda em 1965 havia trabalhadores rotativos em 377 vilas da província de Zonguldak. A coerção pela força não era mais necessária naquele momento, porém, já que trabalhar nas minas havia se tornado uma tradição familiar, passada de pai para filho.⁷

5 No original, *guest worker system* (nota da tradutora).

6 KAHVECI, Erol. "Migration, Ethnicity, and Divisions of Labour in the Zonguldak Coalfield, Turkey". *International Review of Social History* v. 60, edição especial S1, (dezembro, 2015), pp. 207-226; QUATAERT, Donald. *Miners and the state in the Ottoman Empire. The Zonguldak Coalfield, 1822-1920*. New York: Berghahn Books, 2006.

7 ROY, Delwin A. "Labour and Trade Unionism in Turkey: The Eregli Coalminers". *Middle Eastern Studies*, vol.

Na extensa mina de Jahria, na Índia (aberta na década de 1890), camponeses “convocados” ou sazonais representavam 50% a 75% da força de trabalho nos anos 1920, em contraste com “colonos” migrantes que somavam entre 15% a 25%, e trabalhadores “locais” – apenas 5% a 10% da força de trabalho. Camponeses e trabalhadores sem-terra empregados sazonalmente, com frequência endividados, vinham trabalhar nas minas de carvão para ajudar a manter o orçamento doméstico. A mão de obra mineira – homens e mulheres trabalhando juntos em equipes familiares – era, em sua maioria, de “casta inferior” ou “tribal”, os chamados *Adivasi*, ou “aborígenes”); os de “casta superior” somente eram encontrados nos cargos de supervisão.⁸

Agricultores mineiros sazonais, a maioria proveniente da Rússia, também eram recrutados de forma massiva para as minas de Donbass, na Ucrânia. Os primeiros mineiros em Juzovka (rebatizado de Stalino no final da década de 1920, hoje Donetsk) eram migrantes de inverno, que retornavam para suas vilas para o cultivo, o trabalho de campo e a colheita. Na metade dos anos 1880, 60% a 70% dos trabalhadores de Donbass eram migrantes, e, em 1904, 31,7% dos cortadores de carvão⁹ estavam ausentes das minas no verão.¹⁰ O pêndulo sazonal entre vilas e mina se mesclava a outros tipos de mobilidade. Por um longo tempo, os empregadores não conseguiram fixar a força de trabalho e uma classe trabalhadora mais estável emergiu somente relativamente tarde. Com a persistente relutância da população local em ingressar nas minas, migrantes russos e trabalhadores nômades eram a base da mão de obra mineira. Em 1889, somente 5% dos trabalhadores na extração era de origem local.¹¹ A migração sazonal de camponeses em Donbass persistiu até o início do período soviético, nos anos 1920. Novamente, a maioria (75%) eram russos. A migração sazonal diminuiu fortemente depois das coletivizações forçadas e da assim chamada *deskulakização*.¹²

A importância da migração temporária para o trabalho nas minas de ouro da África do Sul já foi levantada em numerosos estudos;¹³ em 1925, cerca de 75% dos mineiros de Witbank provinham de áreas rurais de Moçambique. Os moçambicanos eram recrutados pela Associação de Trabalho Nativo de Witwatersrand (WNLA, ou “Wenela”) que estabeleceu uma espécie de monopólio para obtenção de mão de obra para as minas do território português. Nos anos 1920, cerca de 80% dos operários africanos do distrito mineiro de Witbank eram registrados como “portugueses”. Eles frequentemente eram obrigados a trabalhar nas minas de carvão, especialmente nos anos que antecederam a I Guerra Mundial, embora a exploração de ouro tenha sido sua ocupação primordial. Embora desde 1907

12, nº 3 (1976), pp. 125-172, 126-134.

- 8 SIMEON, Dilip. *The Politics of Labour Under Late Colonialism: Workers, Unions and the State in Chota Nagpur 1928-1939*. New Delhi: Manohar 1995, p. 28; SIMEON, Dilip. “Coal and Colonialism: Production Relations in an Indian Coalfield, c. 1895-1947”, *International Review of Social History*, vol. 41, edição especial S4 (1996), pp. 83-108, 93-94; SIMMONS, C.P. “Recruiting and Organizing an Industrial Labour Force in Colonial India: The Case of the Coal Mining Industry, c. 1880-1939”. *The Indian Economic and Social History Review*, vol. 13 (1976), pp. 455-585, 458-460.
- 9 Nota da tradutora: no original, *coal cutter*. No Brasil, são os chamados furadores, mineiros responsáveis por cortar a rocha e extrair o minério.
- 10 FRIEDGUT, Theodore H. *Iuzovka and Revolution. Vol. I: Life and Work in Russia's Donbass, 1869-1924*. Princeton: Princeton University Press, 1989, pp. 209, 215; folhas 80, 217, e 221.
- 11 FRIEDGUT, *Iuzovka and Revolution*, pp. 211-212.
- 12 PENTER, Tanja. *Kohle für Stalin und Hitler. Arbeiten und Leben im Donbass 1929-1953*. Essen: Klartext, 2010, pp. 39-42.
- 13 MOODIE, T. Dunbar; NDATSHE, Vivienne. *Going for Gold: Men, Mines, and Migration*. Berkeley: University of California Press, 1994; FIRST, Ruth. *Black Gold: The Mozambican Miner, Proletarian and Peasant*. Manchester: Palgrave Macmillan, 1983; JEEVES, Alan. *Migrant Labour in South Africa's Mining Economy: The Struggle for the Gold Mines' Labour Supply 1890-1920*. Kingston: McGill-Queen's University Press, 1985.

tenha havido uma tendência entre famílias “destribalizadas” para se estabelecer em torno das minas de carvão, a quantidade de mineiros “permanentes” que tinham permissão para viver no local com suas mulheres era oficialmente restrita a 15% em 1926.¹⁴

Além disso, nas minas de carvão dos Apalaches, em West Virginia (Estados Unidos), a grande onda de migrantes negros do sul antes e durante a I Guerra Mundial consistia inicialmente de pequenos camponeses ou arrendatários. Quando a ocupação se tornava irregular ou os salários diminuía substancialmente, eles voltavam para suas casas até que o trabalho em West Virginia melhorasse, muitas vezes em um padrão sazonal. O estabelecimento em vilas mineiras não ocorreu antes de 1920, e nelas, um estilo de vida semi-rural era frequentemente preservado pelas famílias dos trabalhadores com cultivo de jardins e criação de gado.¹⁵

Migração e empreiteiros de mão de obra

Onde a distância entre proprietários das minas, administradores e mineiros migrantes era grande, surgiram sistemas de intermediação de mão de obra, tendo os contratantes papel importante. Foram eles que moldaram tanto o recrutamento quanto a implementação da força de trabalho, bem como sistemas de controle dentro e até fora das minas. O recrutamento de migrantes usando contratantes parece ter sido um dispositivo habitual em países com mercado de trabalho subdesenvolvido e uma população rural relutante em trabalhar nas minas. Os contratantes tinham laços mais estreitos com a população rural do que proprietários e administradores, e isso tornava mais fácil para eles aliciar trabalhadores em suas aldeias de origem.

A subcontratação era conhecida na indústria do carvão britânica desde o século XVIII. Ela era associada com a necessidade de “controlar e manter um corpo de operários crescentemente turbulento”, e descrita como “uma forma de organização peculiar à adolescência da sociedade industrial e destinada a desaparecer à medida que a economia britânica crescesse até a maturidade”.¹⁶ No resto do mundo, o sistema foi amplamente utilizado para recrutar e controlar tanto trabalho local quanto o migrante. Nas minas de carvão chinesas, a maior parte da força de trabalho até a década de 1920 (mais de 60% e até 80%) era recrutada por contratantes para atuar tanto na extração, quanto no transporte do minério e construção das galerias subterrâneas. Além de arregimentar operários, muitos empreiteiros também forneciam a maior parte dos equipamentos e materiais utilizados no trabalho na mina.¹⁷ As grandes minas japonesas na Manchúria, no entanto, incorporaram contratadores em seu sistema de gestão e enfrentaram um período de severa escassez de mão de obra na década de 1920, tendo enviado seus próprios agentes

14 ALEXANDER, Peter. “Oscillating Migrants, ‘Detribalised Families’ and Militancy: Mozambicans on Witbank Collieries, 1918-1927”. *Journal of Southern African Studies*, vol. 27, nº 3 (2001), pp. 505-525, 507, 509, 517; ALEXANDER, Peter. “Challenging Cheap-labour Theory: Natal and Transvaal Coal Miners, ca 1890-1950”. *Labor History*, vol. 49, nº 1 (2008), pp. 47-70, 53-54.

15 LEWIS, Ronald L. “From Peasant to Proletarian: The Migration of Southern Blacks to the Central Appalachian Coalfields”. *The Journal of Southern History*, vol. 55, nº 1 (1989), pp. 77-102, 87-88.

16 TAYLOR, Arthur J. “The Sub-contract System in the British Coal Industry”. In: PRESSNELL, Leslie S. (org.). *Studies in the Industrial Revolution Presented to T.S. Ashton*. London: Athlone Press, 1960, pp. 215-235, 229 e 234; para qualificações empíricas, ver JAFFE, James A. *The Struggle for Market Power: Industrial Relations in the British Coal Industry, 1800-1840*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, pp. 54-56.

17 WRIGHT, Tim. “‘A Method of Evading Management’ – Contract Labor in Chinese Coal Mines before 1937”. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 23 (1981), pp. 656-678, 659, 663-665, 669.

para as regiões de Hebei e Shandong. Essas regiões, no sul de Manchúria, se transformaram em importantes provedores de trabalhadores para as minas.¹⁸

Nas minas de carvão indianas, grandes grupos de trabalho migrante eram arregimentados por empreiteiros engajados em todo processo de produção, desde a contratação da força de trabalho até a supervisão do corte e do carregamento de carvão. No seu nível mais baixo, o sistema se baseava na ação de chefes de equipes (os chamados *sardars*), que lideravam grupos de quinze a quarenta mineiros, supervisionando o trabalho, recebendo e distribuindo os salários. O sistema era intimamente relacionado com a migração sazonal, uma vez que permitiu uma estável (porém flexível) conexão entre a demanda de mão de obra nas minas e o suprimento em vilas mais ou menos remotas. Um empreiteiro recrutava parentes e amigos de sua aldeia natal ou redondezas, e empregava todos os esforços para garantir que a sua equipe retornasse a uma mina específica no ano seguinte. Ele adiantava passagens de trem, alimentos e dinheiro para seus conterrâneos, o que mais tarde era deduzido do salário ganho, obrigando os trabalhadores a permanecerem com ele e a trabalhar em uma mina em particular.¹⁹ Desta forma, as empresas de mineração eram capazes de controlar a força de trabalho migratória.

Um sistema similar de recrutamento era empregado para atrair mineiros sazonais na mina de Donbass, na Ucrânia. Agentes (*verbovshchiki*) percorriam as vilas para persuadir os camponeses a trabalhar nas minas, arcando com despesas de transporte, alimentação e moradia dos operários. Esses adiantamentos eram mais tarde deduzidos dos salários, mantendo o trabalhador em dívida desde o início. Na maioria das vezes, esses recrutadores também atuavam como *artel'schick*, ou seja, chefes de equipe (ou *artel'*) de mais de 30 mineiros camponeses, muitas vezes amigos ou parentes de uma vila, que negociavam com os empregadores em nome do grupo, coordenavam o trabalho e organizavam a estrutura de hospedagem. Assim como seu colega indiano, o empreiteiro russo assumia a responsabilidade por aliciar um número suficiente de mineiros, e poderia providenciar cavalos para transporte, bem como capatazes e chefes de equipes para supervisionar as tarefas diárias. Ele recebia o valor acordado pela quantidade extraída e, por sua vez, pagava aos operários pelo turno de trabalho.²⁰ Esse tipo de contratação era a única forma das companhias mineradoras de garantir o fluxo necessário de trabalhadores migrantes da região.

Um sistema de recrutamento por empreiteiros de mão de obra também era utilizado no Japão, em minas de carvão ou de outros minérios. O contratante (chamado *hamba-gashira* na ilha de Hokaido, no norte, e *naya-gashira* em Kyushu, no sul) contratava grupos de 10 a 20 homens provenientes de fazendas das redondezas, providenciando alojamento e supervisionando o trabalho subterrâneo. Atuando em nome dos proprietários das minas, os empreiteiros tinham autoridade total sobre a força de trabalho, tanto na atividade produtiva quanto na vida cotidiana. Eles recrutavam os mineiros, os supervisionavam no local de produção e controlavam suas vidas nos alojamentos.²¹ O sistema era uma forma de assegurar um suprimento regular de operários. Em Kyushu, no extremo meridional, a contratação também

18 TEH, Limin. "Labor Control and Mobility in Japanese-Controlled Fushun Coalmine (China), 1907-1932", *International Review of Social History*, vol.60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 95-119.

19 SIMEON. *The Politics of Labour Under Late Colonialism*, p. 27 e 149; SIMMONS. "Recruiting and Organizing an Industrial Labour Force", p. 471-482.

20 FRIEDGUT, *luzovka and Revolution*. Vol. I, pp. 234, 260-263, e 269-271.

21 Sobre este "sistema de alojamento", tanto em minas de ferro quanto nas de carvão, ver KAZUO, Nimura. *The Ashio Riot of 1907: A Social History of Mining in Japan*. Durham, NC: Duke University Press, 1997, pp. 161-178.

aliciava famílias, aproveitando as mulheres como carregadoras tanto no subterrâneo quanto na superfície. Esse sistema só entrou em de-cadência com o fim do trabalho feminino subterrâneo após a adoção da lavra pelo método *longwall*, em substituição ao sistema *pillar*²², na década de 1920. Isso, por sua vez, foi possível com o maciço recrutamento de trabalhadores da Coreia, inicialmente recrutados por *naya-gashira* coreanos.²³ Muitos desses migrantes coreanos retornavam às suas vilas para a colheita da safra de verão (julho e agosto).²⁴

Trabalho forçado

As soluções empregadas pelos proprietários das minas e pelo Estado para enfrentar a escassez de mão de obra incluía várias formas de coerção ou força. Assim os donos das mineradoras conseguiram garantir um fornecimento permanente de operários. Na nascente Grã-Bretanha moderna, sistemas de coerção – como a chamada “servidão das minas de carvão”²⁵ no século XVIII na Escócia, e a “obrigação anual”²⁶ nas minas de Durham – eram utilizados para manter os trabalhadores e suas famílias nas vilas mineiras.²⁷ Esquemas de coerção desse tipo não se limitaram à Europa moderna, porém. Na bacia carbonífera da Índia britânica (Bengal), relações semifeudais eram comuns nas minas mais antigas, em alguns casos até a década de 1950. Os proprietários destas minas haviam adquirido grandes extensões de terra perto dos poços e desenvolveram um sistema de arrendamento no qual os camponeses recebiam um pedaço pequeno de terra em troca do trabalho por número determinado de dias na mina da empresa em vez de pagar aluguel, sob pena de despejo. Desta forma, os empregadores conseguiram assegurar um fornecimento permanente de trabalhadores. Tal sistema foi aplicado pelos pioneiros da exploração de carvão na Índia; para empresas mais recentemente estabelecidas, como na região carbonífera de Jahria, outros meios de obter a quantidade desejada de mineiros tiveram de ser usados, principalmente sob a forma de subcontratação de camponeses migrantes (ver acima).

No caso da Índia, e também na bacia de Zonguldak, na Turquia, descrita por Kahveci, coerção econômica e extra-econômica foram empregadas para mobilizar mão de obra local para as minas. Encontramos vários exemplos também em minas de carvão chinesa, em boa parte do século XX, seja na forma de trabalho de condenados, servidão por dívida, ou trabalho servil.²⁸ Em outros casos, a força foi utilizada para introduzir trabalho migrante. No Zimbábue colonial (Rodésia

22 O método *pillar*, mais antigo, utiliza pilares para apoiar o teto da mina e a extração é manual. No método *longwall*, em contraste, são utilizados tosquiadores mecânicos montados sobre suportes hidráulicos para retirar o carvão, permitindo a exploração a distâncias maiores no subterrâneo e a extração é mecanizada – Nota dos editores.

23 NISHINARITA, Yukata. *Technological Change and Female Labour in Japan*. Tokyo; New York: United Nations University Press, 1994, pp. 59-96; SMITH, W. Donald, “The 1932 Asō Coal Strike: Korean-Japanese Solidarity and Conflict”. *Korean Studies*, vol. 20 (1996), pp. 94-122, 96-98.

24 WEINER, Michael A. *The Origins of the Korean Community in Japan, 1910-23*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1989, p. 66.

25 No original, *colliery serfdom*. Nota da tradutora.

26 No original, *yearly bond*. Nota da tradutora.

27 CAMPBELL, Alan B. *The Lanarkshire Miners: A Social History of their Trade Unions 1775-1874*. Edinburgh: Donald, 1979, pp. 9-12; WEBB, Sydney. *The Story of the Durham Miners (1662-1921)*. London: Labour Publishing, 1921, p. 7-15; ASHTON, Thomas S.; SYKES, Joseph. *The Coal Industry of the Eighteenth Century*. Manchester: Manchester University Press, 1929, p. 70-99.

28 WRIGHT, Tim. *Coal Mining in China's Economy and Society 1895-1937*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 165.

do Sul), as minas de Wankie (inauguradas em 1902) dependeram fortemente, em seus primórdios, dos *chibaro*, trabalhadores forçados providos pelo Conselho do Trabalho Nativo da Rodésia. Em 1918, 40% da força de trabalho negra na região carbonífera de Wankie ainda pertencia a esta categoria, contra 60% de trabalho “voluntário” (com frequência, migrantes cruzavam da Rodésia do Norte rumo à África do Sul e trabalhavam nas minas durante alguns meses antes de seguir viagem). Posteriormente, mudanças estruturais no mercado de trabalho livraram Wankie da dependência dos *chibaro*: em 1927 o percentual desse tipo de trabalhador caiu para 5%.²⁹

Nas Índias Orientais Holandesas (Indonésia), a escassez de trabalho enfrentada no início de operação das minas de Ombilin (Sumatra ocidental) foi “resolvida” pelo emprego do trabalho forçado de condenados, tanto criminais quanto políticos, de outras partes da colônia. O número chegou a mais de 2.400 em 1898. Mais tarde, chineses e javaneses, também “trabalhadores contratados”, foram empregados. Eles não eram “livres” mas obrigados a trabalhar por diversos anos sob a jurisdição total da mina. Trabalhadores condenados e “contratados” eram maioria entre o crescente número de mineiros até a primeira metade da década de 1920. Depois disso, eles tenderam gradualmente a desaparecer e foram substituídos por trabalhadores livres.³⁰

A mão de obra de presos condenados, era, de fato, um dispositivo de recrutamento bastante comum tanto nos primórdios quanto nas fases mais avançadas do desenvolvimento das minas de carvão. No sul dos Estados Unidos, durante o século XIX, o trabalho de presidiários – predominantemente afro-americanos – era utilizado regularmente nas minas da Geórgia, Tennessee e Alabama depois da abolição da escravidão (o emprego de escravos havia sido comum na extração do minério antes).³¹ Em boa parte do século XX, o emprego de condenados nas minas desempenhou um papel fundamental na definição das condições sob as quais os mineiros livres trabalhavam, além de garantir uma fonte estável de mão de obra. Muitos negros permaneciam nos campos de carvão depois de cumprida a pena e a experiência no ofício adquirida quando condenados os preparava, em grande número, para o ligeiramente menos intenso regime de trabalho que enfrentariam como mineiros livres. Assim, em 1910, mais de 50% dos mineiros de carvão negros no distrito de Birmingham (Alabama) haviam se iniciado na atividade como presidiários. Desta forma, o sistema era tanto uma forma de disciplinar a força de trabalho negra quanto uma maneira de assegurar um constante fluxo de mão de obra barata para as minas.³²

A escassez de trabalhadores no começo do funcionamento das minas de Hokaido e Kyushu, no Japão (década de 1880) também foi solucionada desta forma. Mais tarde, o trabalho dos presos foi substituído pelo um sistema de aliciamento

29 PHIMISTER, Ian. *Wangí Kolia: Coal, Capital and Labour in Colonial Zimbabwe 1894-1954*. Harare/Johannesburg: Baobab Books, 1994, pp. 11 and 76. Ver também sobre as minas de ouro da Rodésia: ONSELEN, Charles van. *Chibaro: African Mine Labour in Southern Rhodesia 1900-1933*. London: Pluto Press, 1980, p. 99 and 104-114.

30 ERMAN, Erwiza. *Miners, Managers and the State: A Socio-political History of the Ombilin Coal-Mines, West Sumatra, 1892-1996*. (Tese de Doutorado, Universidade de Amsterdam, 1999), p. 36-41; ERMAN, Erwiza. “Generalized Violence: A Case Study of the Ombilin Coal Mines, 1892-1996”. In: COLOMBIJN, Freek e LINDBLAD, Thomas J. (orgs). *Roots of Violence in Indonesia: Contemporary Violence in Historical Perspective*. Leiden: KITLV, 2002, p. 105-131.

31 LEWIS, Ronald L. *Black Coal Miners in America: Race, Class, and Community Conflict 1780-1980*. Lexington: University Press of Kentucky, 1987, p. 3-12; LICHTENSTEIN, Alex. *Twice the Work of Free Labor: The Political Economy of Convict Labor in the New South*. London: Verso, 1996.

32 LEWIS, *Black Coal Miners in America*, pp. 33-34; KELLY, Brian. *Race, Class, and Power in the Alabama Coal-fields, 1908-21*. Urbana: University of Illinois Press, 2001, p. 90-94.

de mão de obra por empreiteiros (ver a primeira parte deste artigo), mas este, por sua vez, restringia tanto a liberdade que pode ser considerado como uma forma de trabalho forçado. Durante a I Guerra Mundial, a exploração de carvão cresceu fortemente devido ao boom da economia e tornou-se difícil encontrar mais trabalhadores nas vilas agrárias do Japão. A insuficiência de operários foi então solucionada pela transferência de migrantes coreanos de áreas rurais da Coreia colonizada.³³ Depois de 1939, a mobilização coercitiva de coreanos para as minas e outras indústrias tornou-se crescentemente importante para a economia de guerra japonesa. Mais de 300 mil coreanos foram mandados para as minas do Japão entre 1939 e 1945, a sua maioria contra a sua vontade. Eles eram quase que exclusivamente utilizados como trabalhadores das frentes subterrâneas. Em Hokaido, por exemplo, os coreanos representavam mais de 40% da força de trabalho da mina, mas respondiam por 60% a 70% da massa de trabalhadores no subterrâneo.³⁴ Cerca de 40.000 prisioneiros de guerra chineses também foram empregados nas minas japonesas.³⁵

Mão de obra de condenados e outros tipos de trabalho forçado também foram implementados no então recém-construído complexo de Kuzbass, edificado na Sibéria para atender às demandas da industrialização forçada na União Soviética dos anos 1930.³⁶ No Vale do Ruhr, na Alemanha, trabalho forçado de migrantes, tanto operários civis quanto prisioneiros de guerra, ainda era empregado durante a I Guerra Mundial. Eram em sua maioria belgas ou poloneses dos territórios russos ocupados (naquele tempo a Polônia não existia como Estado independente).³⁷ A experiência com este tipo de *Arbeitseinsatz* durante a I Guerra Mundial preparou o terreno para o desenvolvimento de um sistema extensivo de trabalho forçado para sustentar a economia de guerra da Alemanha nazista durante a II Guerra, tanto na Alemanha quanto nos territórios ocupados por ela na Europa.³⁸ Neste sistema, discriminação étnica e trabalho forçado estavam fortemente interrelacionados, já que a maioria dos trabalhadores mobilizados eram os chamados *Ostarbeiter*³⁹ e prisioneiros de guerra da Polônia, Ucrânia e Rússia, considerados pelos nazistas como “raça” inferior.

- 33 ARENTS, Tom e TSUNEISHI, Noriiko. “The Uneven Recruitment of Korean Miners in Japan in the 1910s and 1920s. Employment Strategies of the Miike and Chikuhō Coal Mining Companies”. *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 121-143. Ver também: KUSAGA, Yutaka. *Transfer and Development of Coal-mine Technology in Hokkaido*. Tokyo: United Nations University, 1982, pp. 24-26, 39-42, e 59-64; Weiner, Michael. *The Origins of the Korean Community*, Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press International, 1989; KAWASHIMA, Ken C. *The Proletarian Gamble: Korean Workers in Interwar Japan*. Durham, NC: Duke University Press, 2009, p. 25-45; MATHIAS, Regine. *Industrialisierung und Lohnarbeit. Der Kohlebergbau in Nord-Kyūshū und sein Einfluss auf die Herausbildung einer Lohnarbeiterschaft*. Vienna: Institut für Japanologie da Universidade de Vienna, 1978, p. 159-162; WEINER, Michael. *Race and Migration in Imperial Japan*. London/New York: Routledge, 1994, p. 112-113, 133-135, e 150.
- 34 WEINER. *Race and Migration in Imperial Japan*, p. 205; SMITH, W. Donald, “Beyond the Bridge on the River Kwai: Labor Mobilization in the Greater East Asia Co-prosperity Sphere”. *International Labor and Working-Class History*, vol. 58 (2000), pp. 219-238, 223-226.
- 35 HEIN, Laura E. *Fueling Growth: The Energy Revolution and Economic Policy in Postwar Japan*. Cambridge, MA: Harvard, 1990, p. 35-41.
- 36 LANDAU, Julia. “Specialists, Spies, ‘Special Settlers’, and Prisoners of War. Social Frictions in the Kuzbas (USSR), 1920-1950. *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 185-205.
- 37 RAWE, Kai. “... wir werden sie schon zur Arbeit bringen!”. *Ausländerbeschäftigung und Zwangsarbeit im Ruhrkohlenbergbau während des Ersten Weltkrieges*. Essen: Klartext, 2005.
- 38 TENFELDE, Klaus e SEIDEL, Hans-Christoph (orgs). *Zwangsarbeit im Bergwerk. Der Arbeitseinsatz im Kohlenbergbau des Deutschen Reiches und der besetzten Gebiete im Ersten und Zweiten Weltkrieg, Band I: Forschungen*. Essen: Klartext 2005. Para o contexto belga e francês, ver também PIQUET, Nathalie. *Charbon – Travail forcé – Collaboration*. Der nordfranzösische und belgische Bergbau unter deutscher Besatzung, 1940 bis 1944. Essen: Klartext, 2008.
- 39 Nota da tradutora: trabalhadores do Europa Central e do Leste utilizados como mão de obra escrava pelo regime nazista durante a II Guerra Mundial.

Mineiros britânicos e outros nas colônias de povoamento branco do Império

A expansão global da mineração de carvão durante os séculos XIX e XX muito se deve à migração de grupos de operários especializados da Grã-Bretanha. Eles introduziram conhecimentos e técnicas de exploração das minas e, mesmo mais tarde, continuaram frequentemente a manter posições de privilégio. A trajetória de migração de mineiros britânicos pode ser rastreada em quase toda mina do Império Britânico, mas também em outras partes do mundo, como por exemplo nos primórdios da indústria de carvão no Brasil.⁴⁰ Com a expansão global da mineração do carvão, a partir do século XIX, os mineiros britânicos foram se transferindo de mina para mina em colônias britânicas como África do Sul, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, a fim de desenvolver a indústria nestes lugares. Nas minas de carvão sul-africano de Natal e Transvaal, uma alta proporção de altos funcionários era escocês; outros vieram de Gales, Northumberland, Cornualha e de outros pontos da Grã-Bretanha.⁴¹ Na Austrália, as minas do distrito de Newcastle, em New South Wales, foram povoadas por mineiros ingleses e escoceses, que trouxeram com eles uma tradição de sindicalismo.⁴² Migrantes escoceses ainda tinham posição de destaque nos campos de carvão australianos no século XX.⁴³ Da mesma forma, o distrito mineiro de West Coast, na Nova Zelândia, era um enclave de mineração britânica.⁴⁴

Os britânicos foram os primeiros a desenvolver a indústria da mineração também nas minas canadenses, tanto no leste (Nova Escócia) quanto no oeste (Ilha de Vancouver), e continuaram a chegar depois.⁴⁵ Muitos “abriram seu caminho” através de trabalhos em mineração em diversas colônias e países do mundo anglo-saxão. Os mineiros nascidos na Grã-Bretanha mantiveram a sua proeminência ao longo dos anos. Em 1881, os operários britânicos representavam 79% da força de trabalho branco na principal cidade mineira de Vancouver, Nanaimo; em 1891, eram ainda 61%. Os outros trabalhadores brancos provinham de diversos outros países, ou eram nascidos no próprio Canadá.⁴⁶

Operários não qualificados e trabalhadores eventuais na Ilha de Vancouver eram inicialmente recrutados entre a população nativa, provendo uma força de

40 SPERANZA, Clarice G. “European Workers in Brazilian Coal Mining, Rio Grande do Sul, 1850-1950”, *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 165-183.

41 ALEXANDER, “Challenging Cheap-labour Theory”, p. 51; ALEXANDER, Peter. “Race, Class, Loyalty and the Structure of Capitalism: Coal Miners in Alabama and the Transvaal, 1918-1922”. *Journal of Southern African Studies*, vol. 30, nº 1 (2004), pp. 115-132, 119 nº 20.

42 MCEWEN, Ellen. “Coalminers in Newcastle, New South Wales: A labour aristocracy?”. In: FRY, Eric (org.). *Common Cause. Essays in Australian and New Zealand Labour History*. Sydney: Port Nicholson Press, 1986, pp. 77-92, 79-80; GOLLAN, Robin. *The Coalminers of New South Wales. A History of the Union, 1860-1960*. Melbourne: Melbourne University Press, 1963, pp. 17-19.

43 REEVES, Andrew. ““Damned Scotsmen”: British Migrants and the Australian Coal Industry, 1919-49”. In: FRY, *Common Cause*, p. 93-106.

44 RICHARDSON, Len. “British Colliers and Colonial Capitalists: The Origins of Coalmining Unionism in New Zealand”. In: FRY, *Common Cause*, p. 59-75; RICHARDSON, Len. *Coal, Class & Community: The United Mine-workers of New Zealand, 1880-1960*. Auckland: Auckland University Press, 1995, p. 3-28.

45 Sobre Nova Escócia: MUISE, Del. “The Making of an Industrial Community: Cape Breton Coal Towns, 1867-1900”. In: *Cape Breton Historical Essays*. Sydney Ca.: Cape Breton Press, 1981, p. 76-94; MAC EWAN, Paul. *Miners and Steelworkers. Labour in Cape Breton*. Toronto: St Stevens: 1976.

46 BELSHAW, John. *Colonization and Community: The Vancouver Island Coalfield and the Making of the British Columbian Working Class*. Montreal: McGill-Queen’s University Press, 2002, p. 40 e 52-54, 59-60; BELSHAW, John. “The British Collier in British Columbia: Another Archetype Reconsidered”, *Labour/Le Travail*, vol. 34 (1994), pp. 11-36; SEAGER, Allen e PERRY, Adele. “Mining the Connections: Class, Ethnicity, and Gender in Nanaimo, British Columbia, 1891”, *Histoire Sociale/Social History*, vol. 30 (1997), pp. 55-76, 67-69, e 73.

trabalho auxiliar, mas a partir dos anos 1870, os aborígenes foram crescentemente substituídos por migrantes chineses. Vários esforços foram repetidamente empreendidos para excluir trabalhadores asiáticos, mas os chineses permaneceram uma parte importante do contingente de operários das minas durante o século XX, tanto na superfície quanto no subterrâneo. Os chineses eram empregados especialmente em minas do tipo *longwall*, onde o trabalho artesanal fora substituído pelo semiespecializado, sob a supervisão de poucos mineiros brancos.⁴⁷ Mineiros brancos descendentes de britânicos se opuseram ao recrutamento de operários chineses, não apenas por preconceito racial, mas também em defesa de seus postos especializados.⁴⁸

O sociólogo sul-africano John Hyslop defende que os trabalhadores brancos de origem britânica nas colônias do Império eram parte de uma “classe trabalhadora imperialista” para a qual “ser branco” era componente central de identidade.⁴⁹ Essa perspectiva nos convence apenas parcialmente, já que havia também imigrantes britânicos na África do Sul, Canadá e Austrália que trouxeram ideias socialistas radicais e mais tarde comunistas para as minas de carvão coloniais, bem como propagaram a solidariedade interracial.⁵⁰ Mais importante (e sem negar o racismo envolvido) é observar que a oposição dos mineiros britânicos à entrada de outros grupos étnicos e raciais estava inextricavelmente ligada à defesa da habilidade e da qualificação técnica na indústria da mineração.

... E nos Estados Unidos

A transferência da experiência e do conhecimento tecnológico obtido nas minas britânicas foi também essencial para o desenvolvimento da indústria do carvão nos Estados Unidos. A migração de mineiros da Grã-Bretanha para os Estados Unidos alcançou seu auge entre a década de 1860 e o início dos anos 1870. Em 1870, mineiros imigrantes britânicos (57.214) respondiam por mais de 60% de todos os estrangeiros nas minas do país (94.719). Assim que chegavam, eles se transferiam de mina para mina em diferentes estados. Na Grã-Bretanha, a emigração era patrocinada por sindicatos para reduzir o excesso de força de trabalho nos campos de carvão. Mineiros britânicos frequentemente tornavam-se líderes sindicais nos Estados Unidos e permaneciam em contato com colegas e com sindicatos “de casa”.⁵¹

Muitos desses imigrantes eram homens jovens solteiros que percorriam diversas minas sazonalmente. Com passagens baratas, eles viajavam no verão aos Estados Unidos e retornavam para a Grã-Bretanha no inverno, ou percorriam um

47 BELSHAW, *Colonization and Community*, pp. 117-122.

48 BELSHAW, “The British Collier in British Columbia”, p. 35.

49 HYSLOP, Jonathan. “The Imperial Working Class Makes Itself ‘White’: White Labourism in Britain, Australia, and South Africa before the First World War”, *Journal of Historical Sociology*, vol. 12 (1999), pp. 398-421.

50 KIRK, Neville. “The Rule of Class and the Power of Race: Socialist Attitudes to Class, Race and Empire”, in KIRK, Neville. *Comrades and Cousins: Globalization, Workers and Labour Movements in Britain, the USA and Australia from the 1880s to 1914*. London: Merlin, 2003, pp. 149-238; KENEFICK, William. “Confronting White Labourism: Socialism, Syndicalism, and the Role of the Scottish Radical Left in South Africa before 1914”, *International Review of Social History*, vol. 55 (2010), pp. 29-62; HYSLOP, Jonathan. “Scottish Labour, Race, and Southern African Empire c. 1880-1922: A Reply to Kenefick”, *International Review of Social History*, vol. 55 (2010), pp. 63-81; WALT, Lucien van der. “The First Globalisation and Transnational Labour Activism in Southern Africa: White Labourism, the IWW, and the ICU, 1904-1934”, *African Studies*, vol. 66 (2007), pp. 223-251.

51 GOTTLIEB, Amy Zahl. “Immigration of British Coal Miners in the Civil War Decade”, *International Review of Social History*, vol. 23 (1978), pp. 357-375.

roteiro de minas de carvão por entre diversos estados. Depressões como a de 1873 obrigaram mineiros recém-chegados a voltarem para suas casas na Europa. As redes de imigrantes transatlânticas se tornaram veículos de influência britânica nas práticas de mineração norte-americana, e não menos importante, no sindicalismo.⁵² Até 1900, imigrantes de origem britânica ainda eram dominantes em minas de carvão em Illinois, Pensilvânia, Virgínia Ocidental e Kansas. Mesmo os mineiros nascidos no país eram frequentemente descendentes de britânicos. Como em todos os lugares, redes de relacionamento étnico foram importantes para os padrões de migração dos mineiros vindos da Grã-Bretanha.⁵³ Trabalhadores galeses tendiam a se fechar em comunidades em volta de suas próprias igrejas além de promoverem casamentos internos no grupo.⁵⁴ Proprietários e gerentes de minas vindos do País de Gales muitas vezes selecionavam outros galeses para seu corpo de funcionários e para o grupo de operários das minas criando, assim, assentamentos étnicos.⁵⁵

No final do século XIX, italianos, “eslavos” e outros migrantes do sul e leste europeus começaram progressivamente a trabalhar em minas de carvão nos Estados Unidos. Os mineiros “eslavos” e italianos eram, em sua maioria, de origem camponesa e não qualificados. Seu emprego nas minas foi concomitante à introdução de máquinas cortadoras de carvão e à desqualificação do trabalho minerador. A proporção de mineiros britânicos diminuiu, mas eles mantiveram suas posições como capatazes e trabalhadores qualificados. Em 1910, um visitante da região mineira de antracita da Pensilvânia resumiu a hierarquia étnica decorrente: “gerentes e superintendentes: galeses; capatazes e patrões: irlandeses; mineiros contratados: poloneses e lituanos; trabalhadores externos: eslovacos, rutenos, e italianos”.⁵⁶ A preponderância galesa nas funções de supervisão era comum em toda a indústria do carvão antes da I Guerra Mundial. Os mineiros irlandeses, “eslavos” e italianos geralmente atuavam como trabalhadores de status inferior. Nessas hierarquias, diferenças sociais e étnicas caminhavam juntas.⁵⁷ No entanto, apesar da atitude condescendente que os mineiros anglo-saxões exibiam frente aos “europeus novos”,⁵⁸ imigrantes do leste europeu e italianos orientais logo passaram a tomar parte ativa nas lutas da categoria e foram aceitos como membros dos sindicatos.⁵⁹

Já as relações entre mineiros “brancos” e afro-americanos no âmbito sindical eram muito mais ambivalentes.⁶⁰ Apesar de haver diversos distritos de mineração

52 LASLETT, John H.M. “British Immigrant Colliers, and the Origins and Early Development of the UMWA, 1870-1912”. In: LASLETT, John H.M. (org.). *The United Mine Workers of America: A Model of Industrial Solidarity?* University Park: Pennsylvania State University Press/Pennsylvania State University Libraries, 1996, pp. 29-50, 30-31.

53 LASLETT, John H.M. *Colliers Across the Sea: A Comparative Study of Class Formation in Scotland and the American Midwest, 1830-1924*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 2000.

54 LEWIS, Ronald L. *Welsh Americans: A History of Assimilation in the Coalfields*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2008, p. 8.

55 LEWIS, Ronald L. “Networking among Welsh Coal Miners in Nineteenth-century America”. In: BERGER, Stefan; CROLL, Andy; LAPORTE, Norman (orgs). *Towards a Comparative History of Coalfield Societies*. Aldershot: Ashgate, 2005, pp. 191-203.

56 Citado em LASLETT, “British Immigrant Colliers”, pp. 46-47.

57 LEWIS, *Welsh Americans*, pp. 189-249.

58 Ver também BARENDSE, Michael A. “American Perceptions Concerning Slavic Immigrants in the Pennsylvania Anthracite Fields, 1880-1910: Some Comments on the Sociology of Knowledge”. *Ethnicity*, vol. 8 (1981), pp. 96-105.

59 LASLETT, “British Immigrant Colliers”, p. 49. Ver também: BEIK, Mildred A. “The UMWA and New Immigrant Miners in Pennsylvania Bituminous: The Case of Windber”. In: LASLETT, *The United Mine Workers of America*, pp. 320-344.

60 Cf. TROTTER, Joe W. “The Dynamics of Race and Ethnicity in the U.S. Coal Industry”. *International Review*

do carvão onde os mineiros britânicos participavam de sindicatos interracialiais (no Alabama, por exemplo),⁶¹ as políticas raciais dos trabalhadores organizados estavam longe de serem uniformes. Uma controvérsia sobre operários negros, raça e trabalhadores organizados nos Estados Unidos, conhecido como o “debate Gutman-Hill”,⁶² iniciado há décadas, mereceu prolongadas polêmicas sobre a importância da “branquidade”⁶³ na história da classe trabalhadora americana, especialmente após a publicação de *The Wages of Whiteness*, de David Roediger, em 1991.⁶⁴

Price Fishback analisou a diferença entre as experiências dos mineiros afro-americanos em relação à discriminação racial e à assimilação nas minas dos Estados Unidos como sendo consequência do estrangulamento ou do alargamento do mercado de trabalho. Os afro-americanos se davam melhor nos mercados do Alabama e West Virginia, porque nestes locais os empregadores estavam constantemente buscando novos trabalhadores e migrantes negros tinham emprego abundante. Essa situação contrastava com a das minas mais ao norte, onde limites na empregabilidade constriam a migração afro-americana.⁶⁵ Em West Virginia, um grande número de mineiros negros trabalhava lado a lado com outros grupos étnicos e era facilmente aceito no sindicato dos “Mineiros Unidos da América”. Fishback associa a vinda de diferentes grupos migratórios nos Estados Unidos com distintas fases de exploração do carvão: a maioria dos imigrantes britânicos chegou ao país com experiência em mineração e ensinou trabalhadores norte-americanos, desempenhando papel importante no início do desenvolvimento do setor na metade do século XIX. Mais tarde, na década de 1880, e mais ainda entre 1890 e 1910, imigrantes inexperientes do leste e sul da Europa foram contratados em escala massiva para suprir a falta de mão de obra não especializada nas regiões mineiras da Pensilvânia e do Meio-Oeste. As minas nos estados do sul (Kentucky, Virginia, West Virginia, Alabama), onde os salários eram mais baixos, por sua vez, atraíam mais trabalhadores afro-americanos, que migraram do norte para o sul profundo.

A diáspora polonesa na Europa e nos Estados Unidos

Entre os mineiros migrantes da Europa, os poloneses foram pioneiros e, inicialmente, aqueles que mais se deslocaram. Desde as últimas décadas do século XIX, eles foram mobilizados em escala massiva para trabalhar nas minas do Vale do Ruhr, na Alemanha.⁶⁶ Naquela época, quase todos eram cidadãos prussianos. Por

of *Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 145-164.

61 ALEXANDER, “Race, Class, Loyalty and the Structure of Capitalism”, pp. 118 and 126.

62 LICHTENSTEIN, Alex. “Herbert Hill and the ‘Negro Question’”, *Labor: Studies in Working-Class History of the Americas*, vol. 3, nº 2 (2006), pp. 33-39. Ver também TROTTER, Joe William. *Coal, Class, and Color: Blacks in Southern West Virginia, 1915-32*. Urbana: University of Illinois Press, 1990; LETWIN, Daniel. *The Challenge of Interracial Unionism: Alabama Coal Miners, 1878-1921*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998; KELLY, *Race, Class, and Power*, pp. 6-15 e 118-122.

63 No original, “whiteness”. Nota da tradutora.

64 ROEDIGER, David R. *The Wages of Whiteness: Race and the Making of the American Working Class*. New York: Verso, 1991. Para uma resenha, ver ARNESEN, Eric. “Up from Exclusion: Black and White Workers, Race, and the State of Labor History”. *Reviews in American History*, vol. 26, nº 1 (1998), pp. 146-174; NELSON, Bruce. “Class, Race and Democracy in the CIO: The ‘New’ Labor History Meets the ‘Wages of Whiteness’”, *International Review of Social History*, vol. 41 (1996), pp. 351-374.

65 FISHBACK, Price V. *Soft Coal, Hard Choices: The Economic Welfare of Bituminous Coal Miners, 1890-1930*. New York: Oxford University Press, 1992, pp. 171-197.

66 KLESSMANN, Christoph. *Polnische Bergarbeiter im Ruhrgebiet 1870-1945*. Soziale Integration und nationale

volta de 1910, pelo menos um quarto dos mineiros do Ruhr falava polonês. Logo que chegavam, eles passavam a formar comunidades étnicas com base em organizações sociais como igrejas, sindicatos, imprensa polonesa e clubes esportivos. Em estudo sobre a relação entre os mineiros poloneses e o esporte, Diethelm Blecking mostrou que o conflito com o ambiente alemão, frequentemente hostil, contribuiu para fomentar uma identidade nacional comum entre os migrantes, que cultivavam até então uma cultura camponesa orientada localmente.⁶⁷

Depois da I Guerra Mundial, os poloneses do Ruhr e da própria Polônia se transferiram para minas do norte da França,⁶⁸ e, em menor escala, para a Bélgica e a Holanda.⁶⁹ Na década de 1920, o número de poloneses no Ruhr havia sido reduzido para quase um terço por causa do retorno de trabalhadores à Polônia ou de migrações dos operários para outras regiões e países. Por razões tanto econômicas quanto políticas, logo após a I Guerra, os trabalhadores poloneses do Ruhr deslocaram-se para áreas mineradoras no norte da França que sofriam com a escassez de trabalho.⁷⁰ Os imigrantes germano-poloneses, chamados *Westphaliens*, trouxeram para a França uma imprensa polonesa, clubes sociais, sociedades e outras instituições, e assim conseguiram aferrar-se a uma identidade polonesa em seus aspectos étnicos, religiosos e nacionais, em termos bastante conservadores. Essa segregação etnicizada foi conscientemente promovida pelas empresas de mineração, que buscavam tanto uma força de trabalho fragmentada quanto meios ideológico-culturais de conter a militância sindical.⁷¹

Como tanto os empregadores quanto o Estado francês tinham interesse em recrutar trabalhadores poloneses, um tratado bilateral foi assinado em 1919 regulando a vinda de cidadãos da Polônia para as minas. A “Convenção entre a França e a Polônia Relativa à Emigração e à Imigração” pode ser considerado o primeiro documento de um sistema de regulação estatal de migração mineira na Europa (veja a seguir). As empresas mineradoras se associaram na *Société Générale d’Immigration*, que empreendeu um “programa sistemático de prospecção” na Polônia.⁷² Isto resultou num novo êxodo de trabalhadores poloneses de origem camponesa. Entre 1920 e 1930, um total de 490.000 poloneses ingressou na França, enquanto 60.000 deixaram aquele país, tendo o auge desta movimentação ocorrido entre 1929 e 1930. A depressão dos anos 1930 levou à expulsão de muitos dos migrantes poloneses que haviam chegado ao solo francês durante o boom da

Subkultur einer Minderheit in der deutschen Industriegesellschaft. Göttingen, 1978; KULCZYCKI, John J. *The Foreign Worker and the German Labor Movement: Xenophobia and Solidarity in the Coal Fields of the Ruhr, 1871-1914*. Providence: Berg Publishers, 1994; KULCZYCKI, John J. *The Polish Coal Miners’ Union and the German Labor Movement in the Ruhr, 1902-1934: National and Social Solidarity*. Oxford: Berg, 1997; MURPHY, Richard C. *Guestworkers in the German Reich: A Polish Community in Wilhelmian Germany*. New York: Columbia University Press, 1983.

67 Cf. BLECKING, Diethelm. “Integration through Sports? Polish Migrants in the Ruhr Area, Germany”, *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 275-293.

68 KLESSMANN, Christoph. “Comparative Immigrant History: Polish Workers in the Ruhr Area and the North of France”. *Journal of Social History*, vol. 20, n° 2 (1986), pp. 335-353; PONTY, Janine. *Polonais méconnus. Histoire des travailleurs immigrés en France dans l’entre-deux guerres*. Paris: Sorbonne, 1988; SLABY, Philip H. *Industry, the State, and Immigrant Poles in Industrial France, 1919-1939*. Ann Arbor: ProQuest Information and Learning Company, 2005.

69 VERSTEEGH, Pien. *De onvermijdelijke afkomst? De opname van Polen in het Duits, Belgisch en Nederlands mijnbedrijf in de periode 1920-1930*. Hilversum: Verloren, 1994.

70 REID, Donald. “The Limits of Paternalism: ‘Immigrant Coal Miners’ Communities in France, 1919-45”, *European History Quarterly*, vol. 15 (1985), pp. 99-118, 100; CROSS, Gary S. *Immigrant Workers in Industrial France: The Making of a New Laboring Class*. Philadelphia: Temple University Press, 1983, pp. 81-84.

71 Cf. SLABY, Philip. “Dissimilarity Breeds Contempt: Ethnic Paternalism, Foreigners, and the State in Pas-de-Calais Coalmining, France, 1920s”. *International Review of Social History*, vol. 60, edição especial S1, dezembro de 2015, pp. 227-251.

72 REID, “The Limits of Paternalism”, p. 102; CROSS, *Immigrant Workers in Industrial France*, pp. 55-63.

década passada. Quase todos eles (92% na região do Pas-de-Calais, ao norte) eram operários do subsolo, ao passo que o corpo de supervisores era, em sua maioria, composto por franceses.⁷³ Após a II Guerra Mundial, entretanto, os poloneses deixaram as minas francesas em massa, seja para seu país de origem ou por outros postos de trabalho: enquanto havia 46.000 mineiros de ascendência polonesa em 1946, restavam somente 283 em 1981.⁷⁴

No início da década de 1920, os poloneses do Vale do Ruhr e do norte da França também se transferiram para as minas belgas. Proprietários das mineradoras da Bélgica começaram a recrutar mão de obra na Polônia em 1922. A quantidade de imigrantes poloneses aumentou até atingir várias centenas a cada ano. A migração individual se desenvolveu concomitantemente ao recrutamento organizado, e em setembro de 1930, havia 11.993 mineiros poloneses na Bélgica. Vários milhares foram demitidos durante a depressão e tiveram de retornar à Polônia.⁷⁵ Empresas holandesas de mineração também enviaram agentes ao Ruhr e ao norte da França depois da I Guerra para arregimentar poloneses nessas regiões. Na segunda metade da década de 1920, eles passaram a trazer trabalhadores diretamente da Polônia e de outros países da Europa Central, do leste e do sul. Na sequência dessa transferência inicial, os migrantes poloneses percorriam mina a mina na Alemanha, Bélgica e França. No seu ponto máximo, a população de operários poloneses nas minas holandesas alcançou 1.200 pessoas.⁷⁶

Inicialmente, a origem da migração polonesa para o Ruhr e para a região norte-americana da Pensilvânia, onde havia extração de antracite, era bastante similar. Na década de 1870, ambos os grupos provinham de tradicionais áreas mineradoras na Alta Silésia. Porém, nos anos 1890, as regiões de origem dos imigrantes tornaram-se muito variadas. Devido ao rápido crescimento da demanda de trabalho no Vale do Ruhr, onde quase todos imigrantes poloneses vinham das províncias rurais germânicas da Prússia Oriental, decresceu o número de trabalhadores originários desta região que migravam para as minas da Pensilvânia. A maioria dos migrantes poloneses para os Estados Unidos passou a se originar, então, das regiões dos impérios austríaco (Galícia) e russo.⁷⁷

Na Pensilvânia, imigrantes mais antigos vindos da Grã-Bretanha e da Irlanda, bem como seus filhos nascidos em solo norte-americano, constituíam o núcleo da força de trabalho “nativa”, continuando a ocupar as funções de maior *status*. Em ambas as regiões, os poloneses recém-chegados geralmente possuíam a mais baixa posição social, pelo menos até outros imigrantes começarem a surgir na década de 1890. Os trabalhadores da Polônia sofreram uma significativa discriminação por causa da língua “estrangeira”, de sua religião, e dos hábitos e tradições camponesas.⁷⁸ Como reação, os poloneses desenvolveram uma identidade étnica explícita, sustentada por uma sociabilidade organizada.⁷⁹

73 PONTY, Polonais méconnus, pp. 69-72; KLESSMANN, “Comparative Immigrant History”, pp. 337-338.

74 TREMPPE, Rolande. “La politique de la main-d’œuvre de la Libération à nos jours en France”. *Revue Belge d’Histoire Contemporaine*, XIX (1988), pp. 55-82, 70.

75 CAESTECKER, Frank. *Alien Policy in Belgium, 1840-1940: The Creation of Guest Workers, Refugees and Illegal Aliens*. New York/Oxford: Berghahn Books, 2000, p. 47, 60, 67-68, 92-94, 117-123, 176-182, 216-225, e 243-345.

76 LANGEWEG, Serge. *Mijnbouw en arbeidsmarkt in Nederlands-Limburg. Herkomst, werving, mobiliteit en binding van mijnwerkers tussen 1900 en 1965*. Hilversum: Verloren, 2011, pp. 129-130, 140-148, e 153.

77 McCOOK, Brian. *The Borders of Integration: Polish Migrants in Germany and the United States, 1870-1924*. Athens, OH: Ohio University Press, 2011, p. 20-21.

78 McCOOK, Brian. *The Borders of Integration*, p. 25.

79 McCOOK, Brian. *The Borders of Integration*, p. 70-93.

A migração regulada pelo Estado para o norte da Europa Ocidental

A escassez de trabalho em diversas minas da Europa Ocidental continental surgira já nos anos de expansão antes da I Guerra Mundial e a necessidade de mão de obra reapareceu logo após o fim do conflito e na década de 1920. Ao passo que a Grã-Bretanha e a Alemanha conseguiram formar um corpo de mineiros a partir de sua própria oferta interna de mão de obra, França, Bélgica e Holanda testemunharam graves problemas de carência de operários. Para se contrapor à demanda por trabalhadores no período entreguerras (que afetou não só a indústria de mineração), os países da Europa Ocidental desenvolveram sistemas de migração regulados por tratados bilaterais, especialmente com estados recém-formados da Europa Oriental, como Polônia, Iugoslávia e Tchecoslováquia (mas também com Itália). Esses acordos geraram canais oficiais de migração, que existiam em paralelo com o deslocamento individual e espontâneo de mão de obra. O envolvimento do Estado foi desencadeado por políticas protecionistas do mercado de trabalho, aumentando a atuação governamental em arranjos de bem-estar social e, com ela, os custos da migração desregulada, tanto para empregadores quanto para o Estado.⁸⁰

Como já mencionado, o tratado de imigração entre França e Polônia de 7 de setembro de 1919 pode ser considerado o primeiro de uma série de acordos diplomáticos deste gênero. Ele foi seguido, logo em 30 de setembro, por um acordo com a Itália, que no início dos anos 1920 remeteu uma primeira leva de imigrantes italianos – a maioria do centro e nordeste do país – para as minas do norte e do sul da França.⁸¹ A Bélgica concluiu um tratado com a Itália para regular a imigração em 1923.⁸² Em geral, o Estado belga costumava cooperar intimamente com associações de empresas mineradoras, e isso também ocorreu no caso do recrutamento de grupos pequenos da Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria e Polônia.⁸³ Na segunda metade dos anos 1920 na Holanda, o recrutamento organizado de trabalhadores estrangeiros em seus países de origem substituiu tentativas prévias de atrair migrantes especializados das minas do Ruhr e do norte do Pas-de-Calais. Campanhas de recrutamento de empresas mineradoras holandesas na Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia e Itália atraíram novas levas de migrantes inexperientes para as minas. As campanhas eram organizadas em conjunto, com base em tratados bilaterais. Durante a depressão dos anos 1930, porém, a maioria dos recém-chegados foi demitida e mandada de volta para casa.⁸⁴

Depois da II Guerra Mundial, o sistema de tratados bilaterais de migração se tornou um instrumento geral para recrutar “trabalhadores convidados”⁸⁵ dos países do Mediterrâneo para a indústria de mineração do noroeste europeu. Tudo

80 RASS, Christoph. “Temporary Labour Migration and State-Run Recruitment of Foreign Workers in Europe, 1919-1975: A New Migration Regime?”. *International Review of Social History*, vol. 57 (2012), pp. 191-224; RASS, Christoph. *Institutionalisierungprozesse auf einem internationalen Arbeitsmarkt: Bilaterale Wanderungsverträge in Europa zwischen 1919 and 1974*. Paderborn: Schöningh, 2010.

81 DAMIANI, Rudy. “Les Italiens: une immigration d’appoint”. In: CEGARRA et al., *Tous gueules noires*, pp. 85-109; DAMIANI, Rudy. “Les Italiens du bassin minier du Nord-Pas-de-Calais de 1939 à 1945”. In: MILZA, Pierre; PESCHANSKI, Denis (orgs). *Exils et migration. Italiens et Espagnols en France, 1938-1946*. Paris: L’Harmattan, 1994, pp. 455-464.

82 CAESTECKER. *Alien Policy in Belgium*. p. 62-65.

83 CAESTECKER. *Alien Policy in Belgium*. p. 221-222.

84 LANGEWEG, *Mijnbouw en arbeidsmarkt*, p. 144-150.

85 No original, “guestworkers”. Nota da tradutora.

começou com a Itália. Logo depois do conflito, necessidades urgentes de energia, tanto na França quanto na Bélgica, motivaram os governos a convocar uma *bataille de charbon* (uma “batalha pelo carvão”), mas havia pouca oferta de mão de obra nesses países. A Itália se tornou o país preferencial para o recrutamento de trabalhadores migrantes para as minas da França, da Bélgica e, um pouco mais tarde, da Holanda. Em 26 de fevereiro de 1946, a França concluiu um acordo com a Itália para promover a vinda de migrantes em troca do envio de uma quantidade fixa de carvão por cada mineiro.⁸⁶ No início, 20.000 trabalhadores foram recrutados, e depois de novembro de 1946, cerca de 200.000 os seguiram; a maioria deles deixou a França depois do fim de seu contrato, porém. Diversas novas ondas de imigração italiana aconteceram nos anos 1950. O emprego de italianos na mineração francesa alcançou um pico de 11.023 pessoas em 1958; dali em diante seu número diminuiu até chegar a 1.687 em 1981.⁸⁷

A Bélgica concluiu a acordo semelhante com a Itália, poucos meses depois da França, em 20 de junho de 1946. O tratado previa o recrutamento (inicial) de 50.000 mineiros e a exportação (pagamento) anual de 2 a 3 milhões de toneladas de carvão para o país mediterrâneo. Entre 1946 e 1958, 141.151 italianos foram oficialmente arregimentados para trabalhar nas minas.⁸⁸ O movimento de entrada e saída das minas belgas alcançou cerca de um terço do total de mineiros do subsolo em 1955-1956, o dobro do percentual verificado na França ou na Alemanha. O número de italianos trabalhando nas minas belgas era, entretanto, muito maior que na França: entre 1948 e 1957, a cifra girou em torno de 33.000 a 47.500 operários ao final de cada ano. Depois do acidente de Marcinelle em 1956, no qual morreram 269 mineiros (entre eles 136 italianos), o número de cidadãos da Itália empregados nas minas belgas diminuiu de 44.000 em 1957 para 2.500 em 1975.⁸⁹ A Holanda, por sua vez, entrou relativamente tarde na corrida pela mão de obra italiana: em 4 de dezembro de 1948 foi assinado um acordo com o governo da Itália para trazer mineiros para o país, embora em escala muito menor do que a França e a Bélgica.⁹⁰ Em 1957, o número de italianos na Holanda havia alcançado somente 1.966 operários.

A proliferação deste tipo de acordo para o patrocínio estatal da vinda de trabalhadores migrantes deve ser considerada uma resposta à falta de mão de obra não especializada ou semiespecializada nas minas.⁹¹ A demanda por este tipo de operário havia aumentado, ao menos relativamente, devido à introdução de novos métodos e tecnologias de mineração. Os migrantes italianos eram recrutados principalmente de regiões agrárias do centro e do sul do país, e não tinham nenhuma experiência anterior com o trabalho nas minas, tendo que aprender o ofício durante o cotidiano laboral. Essa é uma explicação possível para a alta rotatividade, que também pode ser debitada aos miseráveis alojamentos (frequentemente

86 DAMIANI. “Les Italiens”, p. 97-98.

87 TREMPE, “La politique de la main-d’oeuvre”, p. 70.

88 MORELLI, Anne. “L’appel à la main d’oeuvre italienne pour les charbonnages et sa prise en charge à son arrivée en Belgique dans l’immédiat après-guerre”. *Revue Belge d’Histoire Contemporaine*, XIX (1988), pp. 83-130.

89 LEBOUTTE, René. “Coal Mining, Foreign Workers and Mine Safety: Steps towards European Integration, 1946-85”. In: BERGER *et al.*, *Towards a Comparative History of Coalfield Societies*, p. 219-237, 228-230.

90 LANGE, Tesseltje de. *Staat, markt en migrant*. De regulering van arbeidsmigratie naar Nederland 1945-2006. Amsterdam: Boom Juridische uitgevers, 2007, pp. 69-70; LANGEWEG, *Mijnbouw en arbeidsmarkt*, p. 186-192.

91 LEBOUTTE, “Coal Mining, Foreign Workers and Mine Safety”; RASS, Christoph; WÖLTERING, Florian. “Migration und Sozialregion: Wanderungsbeziehungen zwischen europäischen und außereuropäischen Bergrevieren”. In: WESTERMANN, Angelika (org.). *Montanregion als Sozialregion*. Zur gesellschaftlichen Dimension von “Region” in der Montanwirtschaft. Husum: Matthiesen Verlag, 2012, p. 59-89, 70.

tendas do tipo acampamento), às péssimas condições de trabalho e ao *status* de trabalhadores subalternos, em geral. Assim que novas oportunidades apareceram no país natal, o fluxo migratório da Itália esgotou-se. Os países da Europa Ocidental começaram então a negociar com outras nações periféricas do Mediterrâneo a fim de encontrar novas fontes de trabalhadores para as minas. Espanha, Iugoslávia, Grécia, Tunísia, Turquia e Marrocos tomaram o lugar da Itália e se tornaram, nos anos 1960, os pontos preferenciais de arrematação de trabalhadores para o carvão e outras indústrias da Europa Ocidental continental. Neste momento, a Alemanha também se juntou aos países recrutadores de operários. Os migrantes daquelas nações – os chamados “trabalhadores convidados” (a partir da palavra alemã *Gastarbeiter*) – eram novamente atraídos com base em tratados bilaterais, que procuravam regular a migração de acordo com as necessidades da economia.⁹²

Em todos os países produtores de carvão da Europa Ocidental (com exceção da Grã-Bretanha), os “trabalhadores convidados” eram utilizados em larga escala na mineração. A germano-turca *Regelung der Vermittlung türkischer Arbeitnehmer nach der Bundesrepublik Deutschland* [Resolução para busca de empregados turcos para a República Federal da Alemanha] foi assinada em 1961 com a intenção de regular a seleção e mediação dos trabalhadores contratados da Turquia por agências alemãs em Instambul e Ancara. Por volta de 1963, 10.200 mineiros turcos já estavam empregados em minas de carvão da Alemanha – o maior grupo entre 27.130 trabalhadores estrangeiros nesta indústria.⁹³ Depois de um declínio durante a recessão de 1966-1967, o número de operários cresceu novamente, de cerca de 5.200 em 1969 para 19.800 em 1973, representando então 74% de todos os estrangeiros na mineração de carvão.⁹⁴ A expressiva flutuação destes números (antes, durante e depois da recessão de 1966-1967) revela a utilização dos trabalhadores estrangeiros como exército flexível de reserva de mão de obra, tanto nas minas de carvão quanto em outros setores. Embora em 1973 várias minas alemãs fossem dotadas quase exclusivamente de mineiros descendentes de turcos, em muitos casos os nascidos na Turquia ocupavam apenas os níveis mais baixos na hierarquia de trabalho. Assim como os trabalhadores marroquinos em outros países europeus produtores de carvão, os turcos eram frequentemente contratados para assegurar que minas já exauridas ou não lucrativas pudessem ser fechadas sem problemas.⁹⁵

Os marroquinos foram o último grupo de migrantes aliciado para a indústria do carvão com base em tratados bilaterais. Seu principal destino foi França, Bélgica e Holanda. No período entre guerras, um número reduzido deles já chegara aos distritos mineiros do norte da França, e de lá para a Bélgica.⁹⁶ No final da década de 1950 e início da de 1960, a migração para o norte da França, Bélgica e Holanda começou a crescer, primeiro espontaneamente, depois através do recrutamento por organizações empresariais no próprio Marrocos e também por meio de redes familiares. Uma vez na região, os migrantes marroquinos facilmente cruzavam as fronteiras entre França, Bélgica e Holanda, cujas minas de carvão estavam situadas

92 RASS, *Institutionalisierungprozesse auf einem internationalen Arbeitsmarkt*, *passim*.

93 HUNN, Karin. “Nächstes Jahr kehren wir zurück ...” *Die Geschichte der türkischen ‘Gastarbeiter’ in der Bundesrepublik*. Göttingen: Wallstein, 2005, p. 107-109.

94 HUNN, Karin. “Nächstes Jahr kehren ...”, p. 213.

95 HUNN, Karin. “Nächstes Jahr kehren ...”, p. 219-221.

96 CEGARRA, Marie. *La mémoire confisquée: les mineurs marocains dans le Nord de la France*. Villeneuve-d’Ascq: Presses universitaires du Septentrion, 1999, p. 45-46; CEGARRA, Marie. “Récession et immigration: les mineurs marocains dans les mines de charbon du Nord/Pas-de-Calais”. In: ECK, Jean-François; FRIEDEMANN Peter e LAUSCHKE, Karl (orgs). *La reconversion des bassins charbonniers*. Une comparaison interrégionale entre la Ruhr et le Nord-Pas-de-Calais. Villeneuve-d’Ascq, 2006, p. 157-164.

relativamente perto umas das outras. Tratados com o Marrocos para regular oficialmente a migração foram assinados com a França em 1963, com a Bélgica em 1964, e com a Holanda em 1969.

Os tratados permitiram a entrada de um número crescente de imigrantes marroquinos nas minas desses países, em dois momentos: o primeiro até a recessão de 1966-1967, o segundo no início dos anos 1970. Um total de 20.495 marroquinos entrou na França entre 1960 e 1965; seu número atingiu 78.000 em 1977.⁹⁷ A migração para a Bélgica e para a Holanda era menos substancial em termos absolutos (milhares de pessoas), mas os marroquinos se tornaram, por larga margem, o maior grupo de estrangeiros nas minas belgas e holandesas nos anos 1970.⁹⁸ As empresas de mineração não podiam manter uma equipe fixa de operários nesse período, que correspondia a um momento de decadência da indústria do carvão nestes países. Os mineiros locais e seus filhos viam na mineração poucas oportunidades de futuro, e começaram a procurar por empregos fora das minas. Desta forma, os operários marroquinos foram empregados em contratos temporários para compensar a escassez de trabalhadores locais e para ajudar no fechamento ordenado dos poços.⁹⁹ Na década de 1970, eles foram recrutados para as minas de Lorraine, na França, com o mesmo objetivo.¹⁰⁰

Os migrantes na comunidade mineira

Embora os debates em torno da discriminação e segregação étnica e racial (em contraponto à solidariedade e à integração em sindicatos) tenham alguma tradição na história do trabalho nas minas, o foco principal da pesquisa histórica sobre a luta dos trabalhadores transferiu-se das relações de classe, raça e identidade étnica para outros aspectos a partir dos anos 1990. Novas abordagens permitiram aos pesquisadores lançarem luz em temas como discriminação racial, segregação étnica, integração social e o intrincado processo de formação de identidade entre migrantes no contexto das comunidades mineradoras. Ao mesmo tempo, o conceito de “comunidade mineira”, em si mesmo, como um grupo fechado, homogêneo e frequentemente isolado, antes dominante na sociologia e na história da mineração (especialmente britânica),¹⁰¹ passou a ser questionado, justamente devido à diversidade de seus integrantes.¹⁰²

A mudança em direção ao estudo das migrações e da etnicidade nas comunidades mineiras é claramente identificável na publicação de uma obra considerada um marco na história comparativa das minas de carvão, organizada por Stefan

97 CEGARRA, *La mémoire confisquée*, p. 53.

98 AZZOUZI, Karim. “Les Marocains dans l’industrie charbonnière belge”, *Brood en Rozen. Tijdschrift voor de geschiedenis van sociale bewegingen*, vol. 9 (2004), p. 35-53; CRANSSEN, Tanja. “Marokkaanse mijnwerkers in Limburg, 1963-1975”. *Studies over de sociaaleconomische geschiedenis van Limburg/Jaarboek van het Sociaal Historisch Centrum voor Limburg*, XLVIII (2003), p. 121-148.

99 CRANSSEN, *Marokkaanse mijnwerkers*, pp. 145-146; CEGARRA, “Récession et immigration”, p. 127.

100 GALLORO, Piero-D.; PASCUTTO, Tamara; SERRE, Alexia, *Mineurs algériens et marocains. Une autre mémoire du charbon lorrain*. Paris: Autrement, 2011, pp. 45-71.

101 O texto clássico é BULMER, Martin. “Sociological Models of the Mining Community”. *Sociological Review*, vol. 23, nº 1 (1975), pp. 61-92. Ver também DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando; SLAUGHTER, Clifford. *Coal is our Life: An Analysis of a Yorkshire Mining Community*. Londres: Tavistock, 1956. As comunidades mineiras na Grã-Bretanha são consideradas por vezes com menos diversidade étnica do que aquelas no resto da Europa e na América. Para uma visão alternativa, ver GILBERT David. “Imagined Communities and Mining Communities”. *Labour History Review*, vol. 60, nº 2 (1995), pp. 47-55.

102 TENFELDE, Klaus. “The Miners’ Community and the Community of Mining Historians”. TENFELDE, Klaus (org.), *Towards a Social History of Mining in the 19th and 20th Centuries*. Munich: Beck, 1992, pp. 1201-1215, 1207.

Berger e outros autores (2005). Vários capítulos da obra abordam temas como “identidades”, “comunidades” e “entrelaçamento das esferas de trabalho, vizinhança, família e organizações de classe”, incluindo aquele escrito por Leen Beyers sobre “identidades étnicas, de classe e de gênero no espaço público”, abordando a colônia de mineiros belgas (*cité*) Zwartberg.¹⁰³ No artigo, a pesquisadora elabora uma avaliação bastante positiva da interação étnica entre bairros flamengos, poloneses, tchecos e italianos, e também compara a construção e desconstrução de fronteiras étnicas entre os trabalhadores nacionais belgas e a segunda geração de migrantes de origem polonesa e italiana.¹⁰⁴ A diferença de tempo entre a instalação desses diversos grupos também contribuiu para uma defasagem na integração social de seus filhos. Entretanto, tanto poloneses quanto italianos somente tiveram êxito em serem aceitos como “belgas” depois da introdução na *cité* de migrantes islâmicos, predominantemente da Turquia. A distinção (percebida) em relação a estes novos forasteiros levou à construção de uma percepção pela população local (muitos deles antigos migrantes ou descendentes deles) de que os trabalhadores das migrações anteriores haviam se integrado com sucesso à comunidade.

Estudos semelhantes analisaram as similaridades e diferenças entre a migração polonesa em períodos mais distantes e a imigração turca no passado recente no Vale do Ruhr, na Alemanha.¹⁰⁵ Embora a pesquisa histórica tenha estabelecido uma relação clara entre segregação e discriminação de mineiros poloneses antes da I Guerra Mundial e a emergência de um forte sentimento de identidade nacional entre eles, a supostamente fácil integração de migrantes da Polônia no passado tem sido repetidamente utilizada no discurso público como uma narrativa que sublinha a falta de integração de seus colegas turcos hoje. Por este discurso, o comportamento dos migrantes poloneses e italianos – presumivelmente oposto ao dos turcos de hoje – evidenciaria a inabilidade dos migrantes islâmicos se adaptarem à cultura “ocidental”. Da perspectiva dos historiadores, este quadro é, contudo, bem mais ambíguo. Estruturas e circunstâncias de oportunidade mudam consideravelmente ao longo do tempo, o que torna difícil comparar (*ceteris paribus*) trajetórias de pessoas de origens distintas que migraram em períodos diferentes. Alguns historiadores têm sustentado que a distinção pode não ser visível, porque, dependendo do momento sob consideração, geralmente são necessárias várias gerações para que minorias migrantes superem a segregação e a discriminação e consigam se integrar social e culturalmente.¹⁰⁶

Todavia, a comparação entre “velhos” (séculos XIX e início do XX) e “novos” migrantes (final do XX) tem sido questionada, especialmente nos Estados Unidos, onde teorias sobre um padrão de segregação inicial dos migrantes e sua subsequente integração depois de várias gerações têm uma longa tradição, datando

103 BEYERS, Leen. “Everyone Black?”.

104 BEYERS, Leen. “From Class to Culture: Immigration, Recession, and Daily Ethnic Boundaries in Belgium, 1940s-1990s”. *International Review of Social History*, vol. 53 (2008), pp. 37-61.

105 BERG, Aloys. “Polen und Türken im Ruhrkohlenbergbau. Ein Vergleich zweier Wanderungsvorgänge mit einer Fallstudie über ‘Türken im Ruhrgebiet’”. (Tese de Doutorado, Universidade de Bochum, 1990); BLECKING, Diethelm. “Polish Community before the First World War and Present-day Turkish Community Formation: Some Thoughts on a Diachronistic Comparison”. In: BELCHEM, John; TENFELDE, Klaus (orgs). *Irish and Polish Migration in Comparative Perspective*. Essen: Klartext-Verlag, 2003, p. 183-200; LUCASSEN, Leo. “Poles and Turks in the German Ruhr Area: Similarities and Differences”. In: LUCASSEN, Leo; FELDMAN, David; OLTMER, Jochen (orgs). *Paths of Integration: Migrants in Western Europe (1880-2004)*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2006, p. 27-45; TENFELDE, Klaus. “Schmelztiegel Ruhrgebiet? Polnische und türkische Arbeiter im Bergbau: Integration und Assimilation in der montanindustriellen Erwerbgesellschaft”. *Mitteilungsblatt des Instituts für soziale Bewegungen*, vol. 36 (2006), pp. 7-28.

106 LUCASSEN, Leo. *The Immigrant Threat: The Integration of Old and New Migrants in Western Europe since 1850*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2005.

da chamada Escola de Chicago de estudos sobre migração, das décadas de 1920 e 1930.¹⁰⁷ Tanto a sociedade de hoje quanto a composição (étnica e religiosa) dos “novos” grupos imigrantes nos Estados Unidos e na Europa são radicalmente diversos dos antigos. O que parece importante de um ponto de vista histórico, no contexto das relações étnicas entre mineiros migrantes, é que a construção social das diferenças étnicas e raciais muda ao longo do tempo. Um exemplo é o caso dos irlandeses, italianos e “eslavos” dos Estados Unidos, inicialmente vistos como inferiores racialmente e que somente se tornaram “brancos” de forma gradual.

Esse processo de “branqueamento” pode ser explicado parcialmente pela migração em massa de afro-americanos para o norte, o que permitiu para outros grupos étnicos (europeus) serem redefinidos como “brancos” em oposição aos “negros”. Esta perspectiva coincide com as ideias de David Roediger sobre a “brandidade” como uma identidade racial construída em oposição à “negritude”.¹⁰⁸ O ponto de vista de Roediger tem sido criticado, contudo, como sendo um tanto unidimensional, por ele atribuir uma identidade racial uniforme para uma classe trabalhadora “branca” abstrata, ela mesma profundamente dividida entre posições de etnicidade e outras divisões.¹⁰⁹

O próprio Roediger cita o escritor norte-americano Upton Sinclair, que, em seu romance *O Rei Carvão* elabora um retrato pouco animador das relações interétnicas numa vila mineira do Colorado por volta de 1917:¹¹⁰

Havia, aparentemente, divisões sociais mais rígidas em North Valley. Os americanos, ingleses e escoceses menosprezavam os galeses e irlandeses; os galeses e irlandeses menosprezavam os dagoes e franceses; os dagoes e franceses menosprezavam os polacos e os hunkies; estes, por sua vez se voltavam contra os gregos, búlgaros e “montynegros”; e assim por diante, através de um mosaico de raças do leste europeu: lituanos, eslovacos e croatas, armênios, romenos, rumelianos, rutenos – terminando com greasers, negros, e por último e na posição mais baixa, os japoneses.¹¹¹

Conclusão

O panorama descrito neste artigo evidencia que há uma grande diferença entre a migração e o assentamento de mineiros qualificados, como aqueles provenientes da Grã-Bretanha (mas também de outros países), e o recrutamento de grupos de operários não especializados de áreas rurais. O ponto comum nos casos mencionados é que a arregimentação de operários era frequentemente dirigida a trabalhadores de grupos sociais étnicos de status mais baixo, não apenas porque eles eram de origem rural e não qualificados, mas exatamente devido ao fato de serem considerados inferiores de um ponto de vista cultural e étnico.

No entanto, a ascendência étnica diferenciava não apenas conjuntos de migrantes, mas também a força de trabalho “estabelecida” em relação aos

107 LUCASSEN, Leo. *The Immigrant Threat*, pp. 5-8.

108 ROEDIGER, *Wages of Whiteness*.

109 ARNESEN, “Up from Exclusion”, p. 164.

110 ROEDIGER, David R.; ESCH, Elizabeth D. *The Production of Difference: Race and the Management of Labor in U.S. History*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 89.

111 SINCLAIR, Upton. *King Coal: A Novel*. New York: The Macmillan Company, 1917, p. 53. “Dagoes” é uma gíria depreciativa para italianos, espanhóis, ou portugueses; “hunkies” é uma ofensa étnica usada para se referir a um operário da Europa Central; “greasers” é um termo depreciativo para os mexicanos.

“forasteiros” – minorias étnicas consideradas e tratadas como pessoas de *status* inferior ao grupo etnicamente dominante. Em muitos casos, o recrutamento de novos grupos étnicos ocorria em paralelo com inovações tecnológicas na indústria da mineração, o que desqualificava grande parte do ofício e tornava necessário um alargamento do contingente de operários não especializados ou semiespecializados. Como exemplos, pode-se citar a massiva contratação de coreanos no Japão no final da década de 1920, quando turmas de trabalhadores substituíram equipes familiares na transição do sistema de mineração pelo sistema de pilares para o *longwall*; o emprego de chineses em minas *longwall* na costa oeste do Canadá, substituindo o trabalho artesanal pelo semiespecializado; a entrada de “eslavos” e italianos nas minas da Pensilvânia, que ocorreu concomitantemente com a introdução de máquinas cortadoras e a desqualificação do ofício mineiro; o recrutamento de italianos inexperientes para as minas da França e da Bélgica depois da II Guerra Mundial, minas cuja instalação foi possível graças à adoção de novos métodos e tecnologias.

Diversidade étnica, portanto, confunde-se com divisões por especialização e hierarquia. Isto explica a atitude negativa, às vezes racista, daqueles que chegaram antes, em sua maioria mineiros brancos especializados e seus descendentes, frente a novos migrantes, não apenas negros (como na África do Sul e nos Estados Unidos), mas também trabalhadores com outras complexidades e aparências, como aqueles do leste europeu ou italianos. Preconceito étnico e por *status* foram determinantes nas relações sociais entre famílias migrantes nas comunidades mineiras. As consequências a longo prazo dessas divisões são, entretanto, muito menos claras. Comparações entre a migração “velha” (final do século XIX e início do XX) e a “nova” (final do século XX) revelam grandes diferenças, que talvez possam ser atribuídas ao menor intervalo entre o tempo presente em relação à última, mas, mais provavelmente, à persistente discriminação contra novos migrantes na Europa e nos Estados Unidos desde os anos 1970. O quadro, contudo, está longe de estar completo, e ele não abarca o conhecimento sobre a dinâmica no interior e entorno das minas de carvão em outras regiões do mundo. O grau de semelhança entre os processos ocorridos nelas e o padrão europeu e norte-americano ainda é incerto.

Recebido em 25/08/2015

Aprovado em 25/08/2015

